

ANÁLISE DO USO DA ESCRITA NAS AULAS DE CIÊNCIAS NATURAIS: CAMINHOS PARA A MELHORIA DA APRENDIZAGEM

**Suyane da Silva Florindo
Graduanda em Pedagogia – UFPI**

**Francisca Carla Silva de Oliveira
Professora Adjunta – UFPI**

RESUMO

O presente trabalho aborda a prática de escrita utilizada nas aulas de Ciências Naturais no 5º ano do Ensino Fundamental a partir de relatos de alunos de uma escola municipal de Floriano-PI. Diante do desafio de buscar inovadoras e eficientes formas de ensino, é primordialmente importante conhecer a realidade existente para uma posterior tomada de decisão, neste sentido, o método utilizado para esta pesquisa foi o de abordagem qualitativa na modalidade de estudo de caso. A priori notou-se que a escrita não é de fato estimulada pelo docente e que esta se empenha somente com meio de avaliação. Estimular a escrita nas aulas de Ciências Naturais é necessário, pois esta se constitui um instrumento de aprendizagem que desenvolve a assimilação e reestruturação dos conhecimentos além de possibilitar ao educando ser ativo em seu processo educacional. Assim, é importante que o professor proponha a interação com o escrever de forma significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências Naturais. Escrita. Avaliação. Ensino.

INTRODUÇÃO

Diante da crescente demanda do professor por métodos e recursos que possam assegurar uma maior eficácia de seu trabalho, as didáticas específicas acabaram por penetrar no espaço do discente fomentando as questões teórico-práticas relativas ao ensino e a aprendizagem, inserindo assim uma maior contundência nas escolhas que este profissional docente venha realizar.

Nesta perspectiva, a didática do ensino de Ciências Naturais vem proporcionando uma ruptura da complexidade embutida no saber científico. A proposta que se vislumbra à diversificação de abordagens metodológicas em que os conhecimentos prévios, a problematização e estímulos à busca autônoma de informações, são ações a serem valorizadas diante da persistente “racionalização da Ciência”. Deste modo, a escola precisa se estabelecer como um espaço dinâmico, que desperte no aluno o interesse pelo novo e entendimento do já conhecido, oportunizando

meios para que tenham acesso a um ensino/aprendizagem de qualidade. Assim, conforme afirma Delizoicov (2009):

O desafio de por o saber científico ao alcance de um público escolar em escala sem precedentes – público representado, pela primeira vez em nossa história, por todos os segmentos sociais e com a maioria expressiva das classes e culturas que até então não freqüentaram a escola, salvo exceções – não pode ser enfrentado com as mesmas práticas docentes das décadas anteriores ou da escola de poucos para poucos.(DELIZOICOV, 2009, p. 33)

O que persiste, sendo considerado um grande obstáculo para o desenvolver do aluno na aprendizagem de Ciências, é a prática básica do ler e escrever comumente apresentada de forma mecânica. Existe uma dificuldade em trabalhar os processos de leitura e escrita. Sendo estes essenciais para a compreensão da disciplina e para a vida do aluno em sociedade, as formas que a instituição as promove costumam apresentar um empecilho para seu uso fora da escola (LERNER, 2002) .

Diante disso, leitura e a escrita podem e devem ser praticadas não somente como recursos avaliativos e/ou como forma de controle do conhecimento, mas também como instrumentos que se bem executados garantam uma maior participação do sujeito em sua aprendizagem. Nesse percurso, avaliar é importante, pois busca entender o processo e seus fins para uma posterior tomada de decisão e a ampliação do conhecimento sobre a realidade existente, neste caso, a avaliação como recurso de análise da realidade, por abranger a situação de forma crítica dará uma contundência maior diante dos resultados obtidos.

A escrita nas aulas de Ciências Naturais

Falar de escrita é inviável sem se remeter a leitura. Ver-se estas como funções indispensáveis da escolaridade obrigatória e indo mais além, segundo as palavras de Lerner (2002), a qual remonta essa obrigação escolar à aquisição de uma cultura envolvendo o ler e o escrever, cingindo para tanto processos com “diversas operações com os textos” (p.17). O embasamento dessas práticas se dá através dos conhecimentos prévios dos próprios alunos, discussões entre os textos e os autores e o texto e seu contexto. Em Ciências Naturais a relação leitura-escrita é imprescindível para o ensino,

compreensão dos textos, fixação de conceitos e o mais importante: um aluno autônomo e crítico diante dos fatos.

A função da escola é inicialmente informar saberes e comportamentos direcionados ao convívio em comunidade. Porém, esses conhecimentos que são ensinados estão longe da real função a que objetivam, da sua prática no convívio social. A leitura é vista como um objeto em si mesmo e para que esta atue além dos padrões escolares é necessário que tenha sentido e importância para o aluno uma vez que, os textos científicos, por exemplo, vêm descritos de forma complexa, sem uma abordagem adequada pelo docente, fora da realidade do discente culminando no distanciamento deste com a disciplina.

Muito restrita a apreciação do professor, a leitura passa a ser concentrada, na maioria das vezes, naquela indicada por este e ter basicamente uma única interpretação, que é aquela que o docente diz ser correta. O aluno geralmente não seleciona o que ele considera importante no texto, e ao final ele coincide de ainda ser avaliado de forma parcial, não tendo assim o mínimo de espaço para se autoavaliar, de ter liberdade para se conhecer.

Se ler for algo reduzido como a decodificação de códigos escritos e a identificação de “conceitos-chaves”, não haverá estímulo por parte dos educandos, além de perda de conteúdos importantes como os que estão subtendidos nas entrelinhas. Sobre esta ideia, Espinosa (2010) afirma que o que costuma se insurgir é a não execução da leitura como processo de aprimoramento dela própria:

Nas aulas de ciências, normalmente não se pensa em situações de leitura como cenário no qual ao mesmo tempo que se ensinam e se aprendem conhecimentos da área também se ensina e se aprende a ler. As situações propostas costumam partir do princípio de que os alunos já sabem ler, e que isso é suficiente para interpretar um texto. [...] (p. 124)

A escrita se mostra geralmente sem autonomia na instituição escolar, controlada e sem função explícita. Numa situação onde escrever seja preciso, encontram-se momentos de aprimoramento do conhecimento, não esquecendo, contudo, que estas são práticas complexas que demandam condições específicas, mas que levam a ações que ajudam na contextualização do ensino, compreensão de situações problemas e a exposição de opinião. Diante de práticas como as citadas, são desenvolvidas ações que muitas vezes passam despercebidas pelo escritor: planejar o que vai escrever, considerar

os conhecimentos do destinatário, selecionar uma forma comunicativa apropriada, revisar o escrito e aquisição de diferentes ideias diante de trabalhos coletivos.

É difícil para a escola romper com o paradigma da escrita “mecanizada”. Desde o início da formação básica, muitos professores já internalizaram o estigma da cópia, da repetição fruto de uma tradição alfabetizadora em que o “vovô viu a uva” era, e ainda é, frase corriqueira nas salas de aulas das escolas de Educação Infantil. Quando então surge alguma “inovação alfabetizadora” observa-se que uma parte destas não perdura por muito tempo, ou por não se embasarem em boas fundamentações ou por que são atacadas pela resistência da escola. O que existe também é a possível insegurança por parte dos pais dos alunos, pois eles se sentem mais confortáveis com metodologias mais familiares, parecidas com as que foram alfabetizados.

Segundo Paulo Freire (2008 p. 56), “Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. [...] Devemos pensar sobre a nossa vida diária. [...] Aprender a ler e escrever não é decorar ‘bocados’ de palavras para depois repeti-los”. O aluno precisa, necessita está no centro do planejamento tanto da leitura como da escrita, sem tal intento não existe sentido algum para essas práticas, nem para o leitor e também para o escritor. Assim, inserir uma variedade de textos e propostas que vislumbrem o dia-dia dos alunos tem mais sentido para estes do que a abordagem de temas soltos, fragmentados, que não despertam o prazer na sala de aula.

Na aula de Ciências Naturais, a proposta de leitura e escrita como íntimas ao conhecimento dos educandos é um excelente instrumento para a apropriação e reestruturação do disposto pela disciplina, sendo esta (a aula de ciências) uma oportunidade rica para imbuir a escrita como livre do peso meramente avaliativo e mais próxima dos contextos sociais.

A liberdade apresentada pelo escritor fora dos parâmetros avaliativos, é descrita por Espinosa (2010) como uma medida provisória, mas muito válida. Depois de escreverem algo, se pode haver dúvidas, interpretações e reflexões, contudo estes escritos estão sujeitos a alterações. Não obstante, o “fica” e “sai” de ideias é uma construção autêntica pelo aluno com assessoria do professor, que irá questionar o seu aluno dirigindo-o a uma resposta adequada havendo assim uma avaliação participativa a favor do que realmente é importante para aquele dado momento.

O texto escrito advindos de resumos, pesquisas na internet e passeios por exemplo, como objeto de reflexão crítica do que é desenvolvido na sala, desencadeia um processo de esquematização e revisão. Lembranças prévias, seleção de ideias

importantes e a maneira de expor-los são hábitos que devem ser construídos e que necessitam de aperfeiçoamento, estes se encarregarão de retirar a naturalidade contida inicialmente no conteúdo escrito proporcionando o aprendizado de Ciências.

Neste sentido, Delizoicov (2009), aborda a postura do professor a qual deve ultrapassar a atividade de apenas de transmissão de conteúdos:

Se é consensual e inquestionável que o professor de Ciências Naturais, ou de alguma das ciências, precisa ter o domínio de teorias científicas e de suas vinculações com as tecnologias, fica cada vez mais claro, para uma quantidade crescente de educadores, que essa característica é necessária, mas não suficiente, para um desempenho docente. A atuação profissional dos professores das Ciências no ensino fundamental e médio, do mesmo modo que a de seus formadores, constitui um conjunto de saberes e práticas que não se reduzem a um competente domínio dos procedimentos, conceituações, modelos e teorias científicos. (p. 32)

O professor deve expandir as suas possibilidades em relação a sua didática, estar à procura de fundamentações e métodos para a sua melhoria profissional, valorizando o discente e acreditando que se pode ter um ensino de Ciências Naturais com qualidade e que não é tão difícil conseguir a excelência no seu cotidiano. Mendes Sobrinho (2008, p.11) relata sobre “ a afirmação de que o processo formativo de docentes para as séries iniciais do ensino fundamental não tem contemplado, de forma satisfatória, os conteúdos necessários para uma prática pedagógica transformadora [...]”, ainda é válido ressaltar que frente a essas condições o professor pode fazer diferenças, desde que ele realmente procure conhecer seu contexto, estudando-o, percorrendo cada passo do processo, realizando uma avaliação das informações encontradas e dos procedimentos que venham a ser executados.

Avaliação, uma prática essencial na pesquisa sobre o ensino de Ciências Naturais

A avaliação se faz, cada vez mais, presente e importante aos valores da democratização educacional. Para o conhecimento de situações, são necessárias certas ferramentas que ampliem e possibilitem a visão exata de um dado contexto para análise e a resolução de um possível problema. No caso da escrita no ensino de Ciências Naturais, esta tem sido até então pouco pesquisada acerca da prática como objeto de estudo, (ESPINOSA 2010). Com tudo a sua execução acaba por ser assim reduzida e

avaliá-la a partir das circunstâncias em que esta se encontra introduzida possibilita uma maior abrangência dos aspectos que a idealizam com tal.

Para Andriolla (2003, p. 258) a “avaliação é um processo sistemático para coletar informações válidas, quantificadas ou não, sobre uma determinada realidade ou atividade, permitindo, assim, sua valorização e posterior tomada de decisões, objetivando sua melhoria ou aperfeiçoamento”. Por isso a importância da instituição escolar e do professor ter consciência de que essa maneira de abordar a realidade é bem mais viável para o alcance do objetivo almejado.

Em muitas vezes o trabalho avaliativo se desencadeia apenas como o ato de medir ou apenas com a justificativa de não saber o que fazer. Isso não é condenável, pois a avaliação desde suas origens é vista como medição, comparação, esse conceito é dirigido à prática avaliativa desde a na China e na velha Grécia, há mais de 2 mil anos, onde na primeira se sustentava a partir de exames para selecionar pessoas para funções públicas, e na segunda, consistia numa verificação das aptidões morais para cargos públicos, sendo que em ambas não se tratavam de uma avaliação escrita, (DIAS SOBRINHO, 2003). Outra questão que se pode ocorrer é a redução do conceito da avaliação ao simples motivo de “desconhecer caminhos”, isto é, avaliar por não saber o que fazer. De certa forma não é incorreto assegurar isso, mas essa ideia acaba por minimizar a ampla gama de processos que envolvem essa atividade como, conhecer o processo e seus sujeitos, suas vantagens e desvantagens, sua prática em variados contextos, etc.

Nas palavras de Hadji (2001, p. 129) avaliar “não é nem medir um objeto, nem observar uma situação, nem pronunciar incisivamente julgamentos de valor.” Segundo o autor, é se adentrar no processo conhecendo seus desencadeantes, é buscar uma situação que concretize o objetivo desejado, é uma forma ativa que no decorrer do estudo trabalha o real em direção do ponto esperado.

Sanmartí (2009), afirma que avaliação pode ser caracterizada por recolher informação, analisá-la, emitir um juízo e tomar decisões diante das circunstâncias. O autor afirma que essa última possui a finalidade de caráter social (pesquisando a respeito do nível de conhecimento, é o que se chama de avaliação somativa) e de caráter pedagógico ou reguladora (identifica mudanças a serem executadas no processo de ensino, na construção da aprendizagem dos alunos, é o que se chama de avaliação formativa).

É importante que o professor tenha em sua essência o hábito de pesquisar, ser um avaliador, que esteja atento aos níveis de dificuldades de sua turma, que procure intervir adaptando sua metodologia a sua condição. Assim como reflete Belloni (2007, p. 14):

Avaliar é uma ação corriqueira e espontânea realizada por qualquer indivíduo acerca de qualquer atividade humana; é, assim, um instrumento fundamental para conhecer, compreender, aperfeiçoar e orientar as ações de indivíduos e grupos. É uma forma de olhar o passado e o presente sempre com vistas ao futuro.

Diante dos conceitos e estudos propostos nessa área, existe um real motivo para a avaliação estar inserida nos fatores educacionais e até fora deles, é o fato dela possibilitar uma maior proporção de acertos através de opções e caminhos os quais estarão ao crivo do avaliador. Diante do transbordo das Ciências Naturais, a qual era, e por alguns ainda é, vista como incontestável, com neutralidade, a sua análise corrobora com novas perspectivas de instrução, de observação dos fatos, de abrir percursos para os novos recursos que emanem o enriquecimento da metodologia do professor e sua posterior ascensão frente às suas dificuldades oriundas de um sistema educacional onde somente se valoriza a quantidade em detrimento da qualidade.

METODOLOGIA

Para a concretização da pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa a qual “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das observações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a uma mera operacionalização de variáveis” Minayo (2002) citado por Lakatos e Marconi, (2009, p. 271). Se teve como modalidade desta o estudo de caso, buscando mediante uma pequena parte do universo abarcar a possibilidade de conhecer o modo como se dá alguns fatos, além disso teve-se o apoio da prática avaliativa realizada para um melhor entendimento do assunto com destaque às possíveis soluções.

Amostra

Os dados foram coletados em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de ensino em Floriano-PI, numa sala de 5º ano do turno da manhã. Foram selecionados 2 (dois) alunos (**A1** e **A2**) desta turma que já haviam estudado na referida instituição no ano anterior, possibilitando uma maior e melhor contundência dos dados, uma vez que a pesquisa foi realizada no início do ano letivo de 2013.

Instrumental

Foi utilizado um questionário o qual abrangia as seguintes perspectivas a cerca da disciplina de Ciências Naturais: se o aluno costuma ler e escrever durante as aulas, se o professor utiliza outros recursos além do livro didático e a experimento em sala, escrita de relatórios, se o discente realiza pesquisas e sua visão diante da disciplina de Ciências Naturais. Para um melhor entendimento das questões, preferiu-se auxiliar os pesquisados explicando cada quesito e este sendo respondido pelo pesquisador de forma que as ideias explicitadas fossem registradas de maneira clara, porém não se distanciando das respostas dos seus reais sentidos.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados através da entrevista a 2 (dois) alunos do 5º ano sobre o uso da escrita, são de grande importância para a compreensão de como o professor graduado em pedagogia está desempenhando seu papel nas aulas de Ciências Naturais, como este exercício está sendo apreendido pelos seus alunos, além de subsídios qualitativos para a reflexão sobre a realidade encontrada.

Em relação aos ambientes em que costumam ler, **A1** e **A2** afirmam ser em casa de forma livre, já sobre o local onde escrevem mais. **A1** afirma ser somente na escola e **A2** diz ser em casa na realização de atividades escolares. Quando questionados sobre a importância da anotação de dados nas aulas, os dois pesquisados dizem que só realizam essa prática quando o professor pede e este enfatiza seu pedido com o fim de que a informação cairá na prova.

De acordo com os discentes, às vezes o professor realiza experiências, porém quando abordados sobre a especificação destas, **A1** não conseguiu lembrar e **A2** disse que foi pedido para que analisasse uma planta e procurasse descrever suas partes sendo que essa proposta vinha descrita pelo livro didático adotado. Os pesquisados abordam que algumas vezes o docente realizava discussões em torno do experimento.

Quando questionados sobre os recursos utilizados além do livro didático ambos responderam que o professor usava um dicionário.

Referente a pesquisas propostas para serem feitas em casa, **A1** respondeu “sim”, isso era pedido, **A2** disse que “às vezes” sendo o principal meio para estas, segundo os dois alunos, acesso a sites de busca. A recomendação dada para a execução do trabalho feito em casa era de forma simplista (imprimir, trazer em tal dia), praticamente não existiam conselhos, especificações em relação à atividade.

Quando questionados sobre sua opinião a respeito do que é Ciências, **A1** disse que fala muito do ambiente e **A2** que aborda sobre as águas, os rios, plantas e animais. E a respeito de se eles se consideram um cientista, os dois, em meio a risos, disseram que não. **A1** entende que um cientista parece um professor e **A2** também confirmou essa comparação, porém complementou dizendo que “é ruim”, perguntado sobre o porquê de ele ter dito tal afirmação, o aluno diz ser devido aos meninos fazerem muita bagunça na turma.

Sobre a disciplina Ciências Naturais ambos relataram que gostam e a respeito da metodologia do professor, **A1** afirma ser legal porque costuma pedir opinião dos alunos, **A2** descreve que ele (o professor) lia o texto para que todos o entendessem e ao final perguntava se alguém tinha dúvidas sobre o assunto. Dirigindo-se aos conteúdos da disciplina que os entrevistados preferem, **A1** disse que é o sistema solar e os animais e **A2** afirma serem as plantas, animais e o sistema solar, este último conteúdo foi bem enfatizado pelos dois os quais disseram que o professor fez uma maquete sobre esse tema.

Ao final da entrevista foi levantada a questão sobre como seria uma aula de ciências interessante para eles. Os dois falaram do uso de materiais como esqueleto, animais, coisas que chamassem mais a atenção, que a aula seria bem mais divertida para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luz de pesquisas e trabalhos de diversos autores sobre a formação do professor, a didática e o ensino de Ciências, ainda se percebe um considerável abismo que separa o que se vislumbra na universidade e o que realmente se efetiva na instituição escolar. Identifica-se que não existe uma autonomia construída em relação ao ato de escrever na escola, isso é perceptível quando este passa a ser deliberado pelo docente, isto é, “*só quando o professor pede*” (A2). E com a persuasão de que é importante que o aluno escreva informações porque estas serão cobradas na prova vai ocorrendo assim uma distorção da finalidade do ensino e da própria avaliação.

Em Ciências Naturais são procedimentos fundamentais aqueles que permitem a investigação, a comunicação e o debate de fatos e idéias. A observação, a experimentação [...] a leitura e a escrita de textos informativos [...], são diferentes procedimentos que possibilitam a aprendizagem. (BRASIL 1997, p. 29)

Nota-se, através dos relatos, que a realização das experiências aparenta ser reduzida, além do uso de outros recursos, que se limita a utilização do dicionário para a o significado de palavras. As pesquisas propostas para casa não possuem nenhuma indicação específica de como pesquisar, em que se aprofundar, recomendar sites e autores. É interessante como é limitado o conceito de ciências para os alunos, percebe-se que o conceito é restrito ao que eles estudaram no decorrer do ano letivo.

Pela metodologia do professor identificada na entrevista aos discentes, este se restringe a poucos procedimentos que venham a progredir uma interatividade significativa na sua sala. Pedir a opinião dos alunos, reler texto do livro e questionar se alguém tem dúvidas são procedimentos que complementam as incongruências já vistas na pesquisa. São fatores que acabam por fomentar a idéia da escrita aqui inserida como mero fator avaliativo:

É o professor quem tem condições de orientar o caminhar do aluno, criando situações interessantes e significativas, fornecendo informações que permitam a reelaboração e ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos, para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados. (BRASIL 1997, p. 29)

É preciso, segundo Lerner (2002), que situações de leitura propiciem discussões e não sejam condicionadas a somente uma única interpretação. A aplicação de textos que possuem informações que completam e ampliam as já lidas, são importantes para o estabelecimento de relações com os informes anteriormente trabalhados. Destarte, é essencial que a escrita seja melhor trabalhada, que as anotações de aspectos relevantes tenham desvelo e que isso seja proporcionado de forma natural. Diante disso, o professor será o mediador, ele intervirá quando necessário, demonstrando os meios mais adequados frente às necessidades que os alunos venham ter.

É imprescindível para um ensino de qualidade “saber combinar leituras, observações, experimentações, registros, etc., para coleta, organização, comunicação e discussão de fatos e informações”, (BRASIL 1997, p. 07). Todas as situações abrangidas pelo presente estudo são momentos os quais o professor pedagogo e os profissionais de outras licenciaturas permitam a prática da escrita e conseqüentemente a interação do aluno com os demais, pois esta é um ótimo instrumento de aprendizagem, desenvolve a assimilação e a reestruturação dos conhecimentos, além de o educando ser ativo em seu processo educacional.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLA, Wagner B. **Cuidado na Avaliação da aprendizagem algumas reflexões**. In: ANDRIOLA W.B; MCDONALD, Brendan C. (org.). Esboço de avaliação educacional. Fortaleza: UFC, 2003.

BELLONI, I. **Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional**. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : ciências naturais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André Peres; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior**. – São Paulo: Cortez, 2003.

ESPINOSA, Ana Maria. **Ciências na escola: novas perspectivas para a formação dos alunos**. Tradução camila Bórgea.-1ed.- São Paulo: Ática, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam.** 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada.** Trad. Patricia C. Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2001.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário/** Tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCONI, Maria de Andrade ; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7 ed.- 4. Reimpr.- são Paulo: atlas, 2009.

MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. **Práticas pedagógicas em Ciências Naturais: orientações em evidencia.** In: MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. *Práticas pedagógicas em Ciências Naturais: abordagens na escola fundamental.* Teresina: EDUFPI, 2008

SANMARTÍ, Neus. **Avaliar para aprender.** Tradução Henrique Lucas Lima. – Porto alegre: Artmed, 2009